



Silvia Cristina Martins de Souza, **As noites do Ginásio: teatro e tensões culturais na Corte (1832-1868)**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2002.

### Por um teatro nacional

Homens de teatro, na época aqui tratada, eram Machado de Assis, José de Alencar, Joaquim Manoel de Macedo. Todos com ambições literárias e empenhados em estabelecer e consolidar um conceito de dramaturgia brasileira, pois o que mais se via nos palcos da Corte eram peças estrangeiras, na melhor das hipóteses. Veja-se, a propósito, a severa argumentação apresentada por Machado de Assis: “Não há teatro brasileiro, nenhuma peça nacional se escreve, raríssima peça nacional se apresenta. As cenas teatrais deste país viveram sempre de traduções, o que não quer dizer que não admitissem alguma obra nacional quando aparecia. Hoje, que o gosto do público tocou o último grau da decadência e perversão, nenhuma esperança teria quem se sentisse com vocação para compor obras severas de arte. Quem lhas receberia se o que domina é a cantiga burlesca ou obscena, canção, mágica aparatosa, tudo o que fala aos sentidos e aos instintos inferiores.”

E no entanto não se pode dizer que faltasse teatro ao Brasil naquela época. Sarah Bernhardt e Eleonora Duse, as duas maiores estrelas internacionais, passaram pelos palcos brasileiros e tiveram acolhida digna de sua fama. O que atormentava nossos homens de letras era a falta de um autêntico teatro nacional, que servisse para consolidar o sentimento de nacionalidade. Machado acrescentava: “A Província não foi de todo invadida pelos espetáculos de feira; ainda lá se representa o drama e a comédia – mas não apareceu, que me conste, nenhuma obra nova e original.”

Foi nesse ambiente conturbado que se estabeleceu o Teatro Ginásio Dramático; casa de espetáculos que introduziu a estética realista na Corte, em 1855, e assim deu àqueles literatos a oportunidade para um esforço de atualização estética abrindo espaço para uma dramaturgia de sentido social.

A pesquisa é ampla e minuciosa e a autora não se furta a refutar aquelas argumentações pessimistas, provindas embora de cabeças tão ilustres. Mas o livro não navega apenas nessas alturas estratosféricas da cultura histórica: apresenta dados sobre todas as facetas da intrincada situação, aí incluídos a censura, da polícia e do conservatório Dramático, o público inconveniente e pouco polido que protestava contra o aumento dos preços dos ingressos, manifestava-se ruidosamente durante os espetáculos, insistia em ignorar as peças realistas educativas para divertir-se com as revistas; o governo que não repassava os recursos previstos no orçamento. Uma leitura fascinante.